

Sobre o futuro no passado e no presente

Within the line of the historical advent of the
Portuguese language: norm, variation and change

Dinah Callou¹ 

dinah@letras.ufrj.br

Márcia Cristina de Brito Rumeu² 

mrumeu@ufmg.br

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro

² Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

Este artigo discute mudanças e variações textuais de uso de referência ao futuro em português. O tempo futuro em português pode ser expresso de cinco maneiras diferentes: duas formas simples e três formas perifrásticas e essa variação parece estar enraizada em desenvolvimentos que ocorreram anteriormente no latim. *Habere* era usado para expressar futuridade quando seguido do verbo principal (*amare habeo*) e esse uso – por sua vez – deu origem ao futuro simples morfológico (*amar(e) ha(b)e(o) > amarei*, tendo sido reanalisado como um morfema temporal. Nosso foco principal é discutir a produção escrita do brasileiro “Cristiano Ottoni” em tipos diferentes de textos, cartas familiares e editoriais (cartas de editores) oitocentistas, a fim de verificar se o veículo de divulgação (o gênero textual), nos âmbitos pessoal ou público, evidenciaria ou não a expressão variável (e em qual nível) do futuro. Constatamos que o futuro morfológico e a perífrase com *haver de* (*haver de* + infinitivo) foram as estratégias privilegiadas independentemente dos distintos papéis sociais (avô e homem público) assumidos pelo nosso redator, o que nos leva a infirmar a conjectura inicial de que o gênero textual (cartas pessoais e

Editores-chefes

Marcus Dores

Célia Lopes

Recebido: 31/01/2025

Aceito: 22/03/2025

Como citar:

CALLOU, Dinah; RUMEU, Márcia Cristina de Brito. Título do artigo. Revista LaborHistórico, v.11, n.2, e66688, 2025.doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v11i2.66688>

cartas de editores) impulsionaria, em algum nível, a variação na expressão do futuro no português brasileiro escrito oitocentista.

Palavras-chave

Tempo Futuro. Variação Linguística. Português Brasileiro. Fontes Históricas do Século XIX. Sociolinguística Histórica.

Abstract

This paper discusses changes and textual variations of usage in future reference in Portuguese. Future tense in Portuguese can be expressed in five different ways: two simple forms and three periphrastic forms and this variation seems to be rooted in developments that took place earlier in Latin. *Habere* was used to express futurity when it is followed the main verb (*amare habeo*) and this use – for its turn – gave origin to the morphological simple future (*amar(e) ha(b)e(o) > amarei*, *haver* being reanalyzed as a temporal morpheme. Our main focus here is to discuss the written production of the Brazilian “Cristiano Ottoni” in different types of texts, family letters and editorials (letters from editors) from the 19th century, based on the assumption that textual genre – in personal or public sphere – would (or would not) be responsible to explain the multiple variable expressions – and at what level – of the future. We come to the conclusion that the morphological simple future and the periphrasis with *haver de* (*haver de* + infinitive) are predominant, regardless of the different social roles (private and public figure) assumed by the same writer. Textual genre (personal letters and letters from editors) cannot be seen as the main constraint, to some extent, related to the covariation in the expression of the future in 19th century Brazilian Portuguese.

Keywords

Future Tense. Linguistic Variation. Brazilian Portuguese; 19th Century Historical Sources. Historical Sociolinguistics.

Considerações iniciais

Vimos trazer à discussão um tema, já muito estudado, sob várias perspectivas teóricas, a saber, as estruturas de futuridade, em amostras do século XIX, e, ao mesmo tempo, discutir o papel especial, para estudos em sociolinguística histórica, de amostras de textos manuscritos (cartas familiares), em comparação com amostras de textos impressos (artigos em jornais), em um caso específico, fontes de uma

mesma autoria. Um desafio do pesquisador que se aventura na análise de fontes documentais do passado é verificar até que ponto a identificação de um dado mais conservador ou inovador localizado no documento realmente evidencia uma etapa de um processo de mudança sistêmica da língua ou se trata apenas de uma peculiaridade daquele tipo de texto.

Rumeu (2013) lembra que é preciso ter em mente as dificuldades de interpretação de fenômenos tipicamente “textuais” que podem mascarar qualquer descrição diacrônica, uma vez que certos usos linguísticos podem estar correlacionados ao tipo de texto em que foram localizados, uma vez que existem fórmulas fixas, estruturas relativamente estáveis ou propriedades convencionalizadas que se repetem em determinado gênero particular, conforme Loureda Lamas (2003).

A Sociolinguística, como disciplina, existe há cerca de 30 anos e pode ser subdividida em macro e micro-sociolinguística, o domínio macro podendo ser interpretado como uma “sociologia da linguagem”, ao tomar como ponto de partida a sociedade e a linguagem como um fator de organização da sociedade. A micro tem como ponto de partida a linguagem e trata as forças sociais como fatores essenciais que influenciam a estrutura da língua. De todo modo, o objeto de estudo da Linguística Histórica é a mudança linguística.

De uma maneira geral, o problema básico na descrição de um aspecto linguístico é o de como chegar a uma generalização através de um conjunto de dados. Weinreich *et al.* (1968) defendem que, nos estudos históricos, é necessário levar em conta o debate teórico atual sobre a mudança linguística, pois não se pode simplesmente acrescentar dados dos séculos XX e XXI aos de séculos anteriores, como se tivessem sido retirados de uma mesma comunidade. O uso do presente para explicar o passado depende, pois, não somente de novos métodos e novos dados, mas também de localizar pontos de contato e similaridade entre o presente e o passado que justifiquem a utilização de novos dados, sem esquecer que a generalização de uma mudança não é uniforme nem instantânea e envolve covariação por longos períodos de tempo.

Em relação às estruturas de futuridade, variação e mudança apresentam um rastro milenar e, talvez, até por isso as variedades continentais sigam caminhos semelhantes.

As estruturas de futuridade: uma breve descrição.

Este artigo discute as variações de uso da expressão de futuro, que, em português, pode ser expresso de distintas maneiras, forma simples (exemplos 1 e 2) e perífrases (exemplos 3 a 5), com valor semântico equivalente.

- (1) *Trarei* o livro (amanhã) = futuro simples morfológico;
- (2) *Trago* o livro *amanhã* = presente + complemento temporal (que pode ser até uma oração “*Só vou fazer* o café depois que acabar de ler”);

- (3) *Vou trazer* o livro (amanhã) = tempo presente do auxiliar modal *ir* + infinitivo do verbo principal;
- (4) *Irei trazer* o livro (amanhã) = futuro morfológico do auxiliar *ir* + infinitivo do verbo principal;
- (5) 5. *Hei de trazer* o livro (amanhã) = auxiliar modal *haver* + a preposição *de* + infinitivo do verbo principal.

A história de formação do tempo verbal *futuro* é marcada por um processo de gramaticalização. Assim sendo, o ponto de partida para a origem do futuro morfológicamente marcado na língua portuguesa são as perífrases verbais formadas por um verbo no infinitivo acompanhado do verbo *habere* no presente (*amare* + *habeo*, em substituição ao *amabo*) ou no pretérito imperfeito (*amare* + *habebam*) que, por sua vez, conduzidos por processos fonológicos, geraram as formas verbais do futuro do presente (“amarei”) e do futuro do pretérito (“amaria”). Como em outras línguas, a expressão de futuro passou por vários estágios, envolvendo formas sintéticas e analíticas (*cantabo* => *cantare habeo* (Latim) => *cantarei* => *hei de cantar* => *vou cantar* => *canto* (Português)).

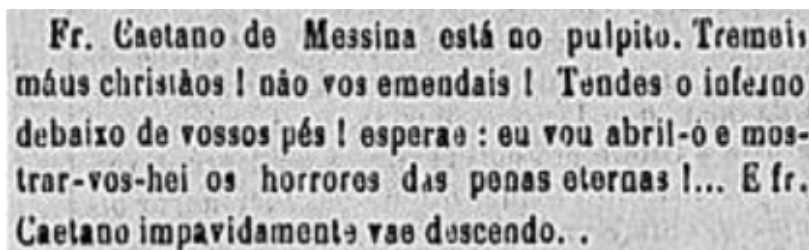
O verbo “ir” como verbo principal indica *movimento no espaço*, enquanto como auxiliar modal em expressões de futuridade indica *movimento no tempo*. Além disso, o processo de gramaticalização não está inteiramente concluído, uma vez que elementos adjacentes não sofreram fusão e admitem a inserção, por exemplo, de um circunstancial entre o auxiliar e o verbo principal até hoje (Ela *vai simplesmente escrever*).

Neste estudo, o objetivo principal é identificarmos os níveis de alternância entre o futuro morfológicamente marcado, em (6) e (7), e as estruturas perifrásticas do redator brasileiro Cristiano Ottoni (doravante CO), em suas cartas familiares e editoriais (cartas de editores) oitocentistas, conforme ilustramos em (8) e ³(9). Assumimos como ponto de partida o movimento cíclico entre as formas sintéticas e analíticas – formas sintéticas (*amabolamavero* (*latim infectum*)) > formas analíticas (*amare habeolamare habebam* (*latim perfectum*)) > formas sintéticas (*amareil amaria*) – que, por sua vez, remonta ao latim e está registrado na história da língua portuguesa, como já ampla e profundamente discutido por Mattos & Silva (1989; 2006), Oliveira (2006, 2008, 2022), Callou *et al.* (2005) e muitos outros.

³ Acrescentamos, na figura 1, o fac-símile de um excerto do periódico *O Correio Paulistano* exposto em (9).

- (6) ⁴– et ille respondebat: non *dabo*.
– Iustinianus dicebat: *daras*.” (Oliveira 2006, p. 20)
- (7) a. “• Aquelas que se faran
• Pero que se poderian fazer
• E disse que lhi daria”
b. “• Direi-ti os nomes dalgũũs
• Prazer-m’ ia de me razoar e falar hũũ pouco convosco”
(Fabulário)
(Mattos & Silva 2019, p. 196 (2006))
- (8) 8. “[...] Esta carta ja *irá chegar* em plena primavera [...]”
(CO. C22. 18.03)
- (9) “[...] Fr. Caetano de Messina está no pulpito. Tremeis máus christãos! não vos emendais! Tendes o inferno debaixo de vossos pés! esperae: eu *vou abril-o* e mostra-vos-hei os horrores das penas eternas! [...]”
(CO.⁵ *O Correio Paulistano*. SP, 28.07.1876)

Figura 1: CO. *O Correio Paulistano*. SP, 28.07.1876.



À luz da pormenorizada análise diacrônica feita por Oliveira (2006) e revisitada em Oliveira (2022), é possível observar alguns usos que percorrem a língua portuguesa, desde o século XIII até o século XX, em sua expressão escrita. Nesse sentido, a autora levantou as seguintes estratégias de futuridade variantes: futuro simples (“*Viajarei* amanhã”), futuro perifrástico com *haver de* + *infinitivo* (“*Heil/haverei de viajar* amanhã.”), futuro perifrástico com *ir* + *infinitivo* (“*Voulirei viajar* amanhã”) e presente do indicativo (“*Viajo* amanhã”). Observa Oliveira (2006) que o futuro simples se mostra como a forma variante preferencialmente assumida na produção escrita

⁴ “– e ele respondeu: não *darei*. – Justiniano disse: *darás*. Por esta razão, nesse local onde esses fatos se passaram, uma cidade de nome Darás foi fundada por ordem de Justiniano, cidade que até hoje é chamada por esse nome”. Trata-se da 1ª evidência do futuro sintético no ano 613, na *Crônica de Fredegar*, cf. Oliveira (2006, p. 20).

⁵ Texto publicado no *Correio Paulistano*, em 28 de julho de 1876, na seção intitulada “Colaboração” com o texto intitulado “Liberdade dos cultos”, mas produzido no Rio de Janeiro, em 25 de julho de 1876.

independentemente do gênero textual (textos notariais, textos eclesiásticos, cartas oficiais, cartas comerciais, cartas de editores (editoriais de jornais) e cartas pessoais). A opção pela perífrase *ir + infinitivo* apresenta-se como uma forma variante que, a partir do século XIX, ganha o espaço funcional da perífrase *haver de + infinitivo*, de modo a competir, ainda timidamente, a também no século XX, com a forma simples morfológica. Sobre o *presente* do indicativo como expressão de futuridade, detecta ainda a autora a sua baixa produtividade no eixo do tempo e seu registro se apresenta levemente aumentado tão somente na produção escrita mais formal do século XX (Oliveira, 2022).

Considerando a expressão variável das estruturas de futuridade na história da língua portuguesa, também evidenciada na produção escrita em língua portuguesa, justificamos e orientamos esta análise para a identificação de uma possível força do gênero textual a influenciar a opção do redator Cristiano Ottoni pelo futuro simples morfológico ou pela perífrase.

A condução teórica e metodológica no âmbito da sociolinguística histórica: questões e amostras históricas.

Os estudos linguísticos voltados para amostras de sincronias passadas deve ser orientado por critérios de organização das fontes históricas. Assim sendo, optamos por fazer uma breve apresentação das amostras de cartas familiares (de 1879 a 1892) e editoriais produzidas por Cristiano Ottoni (1876), tendo em vista os crivos da *autoria*, *autenticidade* e *validade social e histórica* (Hernández-Campoy & Schilling, 2012).

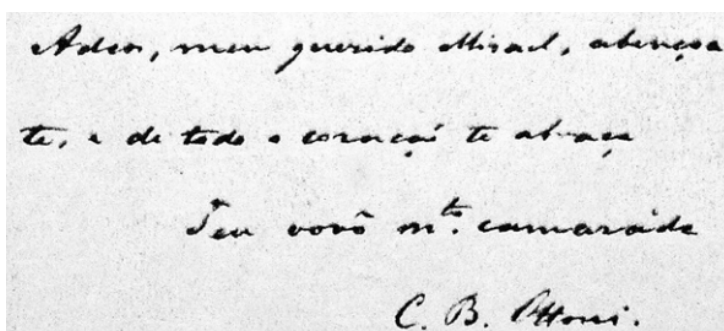
As fontes para estudos linguísticos no âmbito da sociolinguística histórica: questões relevantes ao processo de seleção das amostras.

Em análises conduzidas pelos parâmetros da sociolinguística histórica, cabe ao linguista-pesquisador discernir se o documento manuscrito foi redigido e assinado por quem efetivamente o produziu (autógrafo), considerando as possibilidades de cartas escritas e assinadas por outrem (apógrafas) e de cartas redigidas por um punho distinto daquele que o orienta no processo de redação (ideógrafas). Além da análise atenciosa acerca dos traços paleográficos (Núñez Contreras, 1994; Spina, 1977) acerca da *autoria* (*Authorship*) dos documentos históricos, é importante que o pesquisador atente aos traços linguísticos e sociais específicos de sincronias passadas. No caso específico do estudo orientado pela análise das cartas da família Paston como evidência do inglês médio (Davis, 1971 *apud* Hernández-Campoy & Schilling, 2012), temos, por exemplo, padrões de variação, na produção escrita de uma das informantes do gênero feminino (Margaret Paston 1400-79), que merecem

uma análise mais cuidadosa justamente por se expressarem com padrões de variação distintos dos padrões contemporâneos de comportamento sociolinguístico das mulheres, cf. ⁶Hernández-Campoy e Conde-Silvestre (1999).

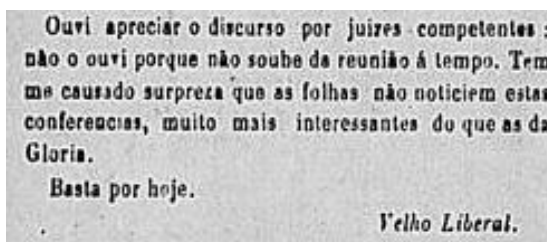
Neste estudo, utilizamo-nos das cartas do avô Ottoni ao Neto Misael (figura 2) e dos textos também de autoria de “Cristiano Benedito Ottoni” que, ao produzir seus artigos no formato de “editorial” do Correio Paulistano, os assina como “Velho Liberal” (figura 3). Em análise, estão fontes históricas de distintos gêneros textuais (cartas familiares e cartas publicadas em jornais (editoriais)) representativas do português escrito no espaço geográfico brasileiro em fins do século XIX, visando ao levantamento de evidências históricas das estruturas de futuridade produzidas pelo mesmo redator em gêneros textuais distintos.

Figura 2: C1. CO. 22.12.1879.



- (10) “[...] Adeos, meu querido Misael, abençoa-te abraça Teu vovô muito camarada C. B. Ottoni.” (CO. C1. 22.12.1879)

Figura 3: CO. O Correio Paulistano. SP, 28.07.1876.



Considerando as amostras de língua escrita produzidas por um redator habilmente treinado em sua expressão escrita, entendemos ser imprescindível a distinção entre

⁶ “Hernández-Campoy and Conde-Silvestre (1999) found that they had to exercise great care in interpreting patterns of variation found in the writings of one female informant, *Margaret Paston* (1400-79). Her writings were, unexpectedly, the most non-standard of the entire collection (which included fifteen members of the *Paston* family) and hence seemingly divergent from contemporary patterns for the sociolinguistic behavior of women in the current Western industrialized world, at least as noted in very general terms.” (Hernández-Campoy & Schilling, 2012, p. 69).

possíveis traços da norma-padrão e do vernáculo em sincronias passadas que se sobressaem através do filtro da escrita” (Romaine, 1982 [2010]). Nesse sentido, dialogamos também com Labov (1994, p. 11) no que diz respeito às evidências de “hipercorreção, mistura de dialetos e erro de escriba” que podem se deixar entrever com a expressão vernacular. Acrescentemos ainda o fato de que os textos escritos reverberam evidências positivas dos textos que resistiram à ação do tempo no interior dos acervos, o que não necessariamente pode refletir traços da norma vernacular seja porque não tenham sido registrados na língua escrita, seja porque não tenham resistido à força do tempo. Uma vez entendida a *autenticidade* (*Authenticity*) das amostras históricas, assumimos que tanto as cartas familiares, quanto os editoriais de Cristiano Ottoni publicados no *Correio Paulistano* parecem se mostrar como fontes autênticas em relação ao PB escrito, em sincronias passadas.

Como o perfil social do redator das missivas e editoriais oitocentistas, é passível de uma plena reconstituição, entendemos se tratar de fontes confiáveis ao estudo da expressão do PB escrito oitocentista. Temos em análise fontes autênticas, o que nos permite concebê-las como válidas dos pontos de vista social e histórico (*Social and historical validity: historical and socio-cultural background*) nos termos de Hernández-Campoy & Schiling (2012, p.70).

Um redator da família Ottoni

Nosso redator é uma figura renomada, representante do Brasil oitocentista, atuante nas esferas privada e pública de fins do século XIX. Trata-se de Cristiano Benedito Ottoni, que nasceu em Minas Gerais, no ano de 1811, mas estabeleceu-se no Rio de Janeiro para o exercício das funções de Senador do Império e Comerciante. Além disso, exerceu as funções de Capitão-tenente da Marinha, Engenheiro, Professor de Matemática, Diretor da Estrada de Ferro Dom Pedro II, Senador do Império e, exerceu, depois da Proclamação da República, a função de Senador de República. A sua vida íntima é marcada pelo casamento com a sua prima, uma jovem com quem teve quinze filhos dois dos quais seis sobreviveram, cf. Lopes (2005). No acervo do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, tivemos acesso a um conjunto de cartas pessoais trocadas entre os avós Ottoni – Cristiano e Bárbara – e seus netos, Misael e Cristiano, filhos dos Barões de Madalena (Lopes, 2005).

Nesta análise, enfocamos (i) quarenta e uma cartas oitocentistas do avô Cristiano Ottoni, escritas entre 1883 e 1889, a seu neto Misael tratando de questões voltadas aos bons hábitos comportamentais e linguísticos (Lopes, 2005) e (ii) vinte e três textos do mesmo autor, publicados em um periódico brasileiro, que versam sobre questões políticas, sociais e religiosas e nas quais o Brasil oitocentista estava envolvido, no decorrer do ano de 1876, conforme descrito no Quadro 1. Esses textos encontram-se em processo de revisão da conservadora edição produzida pelos pesquisadores Afrânio Gonçalves Barbosa

e Úrsula Antunes dos Santos, no âmbito das pesquisas promovidas por um Professor e Pesquisador da Faculdade de Letras da UFRJ, e uma auxiliar discente.

Quadro 1: Descrição das amostras históricas: cartas familiares e editoriais em análise.

Redator	Gêneros textuais (fontes históricas)	
	Carta Familiar	Editorial
Cristiano Ottoni (CO)	Arquivo Nacional (RJ) [1879-1889] 41	Biblioteca Nacional (RJ) [De abril a agosto de 1876] 23

Fonte: elaboração própria.

As construções de futuridade: breve retomada do estado da questão.

Neste estudo, levamos em conta as hipóteses já levantadas por autores que trataram do tema, desde gramáticos a linguistas, no passado e no presente, de referência, por exemplo, à alternância histórica entre formas simples e perífrases, a partir da dimensão fonológica do verbo, da predicação, do paradigma verbal, da expressão e dos traços do argumento externo, da projeção da futuridade, além do tipo de documento e da época da sua redação, conforme discutido por Oliveira (2006).

A princípio, pretendemos investigar a possibilidade de as expressões de futuridade (futuro simples, futuro perifrástico (*haver de + infinitivo*, *ir + infinitivo*), presente do indicativo) poderem – ou não – ser consideradas variantes de uma mesma variável e quais seriam os seus níveis de produtividade nas cartas pessoais e editoriais produzidas por um mesmo redator, o brasileiro Cristiano Ottoni.

Confrontando diferentes tipos de textos escritos, ao longo do tempo, fica evidente, através da distribuição dos dados no eixo tempo (Tabela 1), que o aumento da frequência de uso da forma morfológica simples se dá em paralelo ao decréscimo

de uso da perífrase com o modal *haver de + infinitivo*, conforme já relatado por Oliveira (2006).

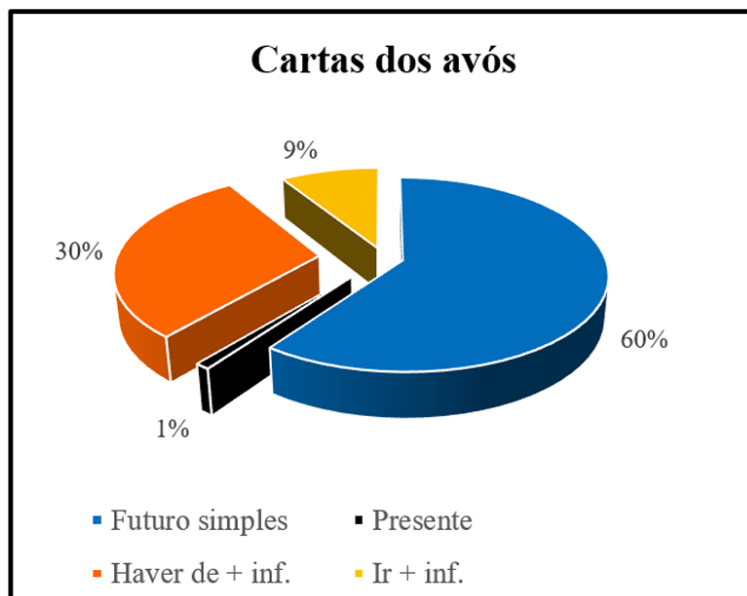
Tabela 1 Distribuição das formas variantes de expressão do futuro na língua escrita através do tempo.

Variantes	XIII	XIV	XV	XVI	XVII
Futuro Simples	54%	92%	81%	87%	75%
Presente Simples	-	1%	3%	1%	2%
“ir” + infinitivo	-	1%	1%	1%	1%
“haver” de + infinitivo	46%	6%	15%	11%	22%

Fonte: Adaptado de OLIVEIRA 2006, p.92.)

Apenas de referência ao século XIX, Callou *et al.* (2005) analisou cento e setenta e uma ocorrências (171 oco) de futuro, em quarenta e uma cartas particulares de avós aos netos, dezoito cartas particulares ao ilustre Rui Barbosa, e nove editoriais de jornais, publicados no Rio de Janeiro. Fica confirmado que o uso da forma simples é predominante, embora o uso da forma variante *haver de + infinitivo* seja sensível ao tipo de texto ⁷(gráficos 1 a 3).

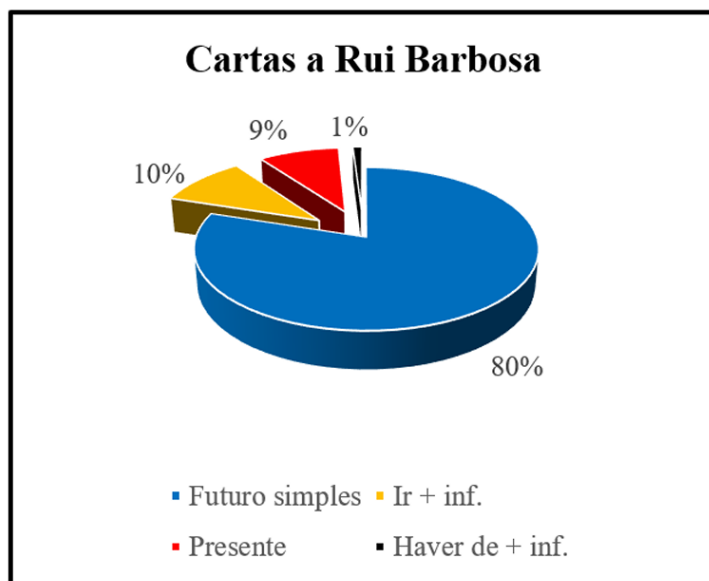
Gráfico 1: O futuro em cartas pessoais.



Fonte: Adaptado de Callou et al., 2005.

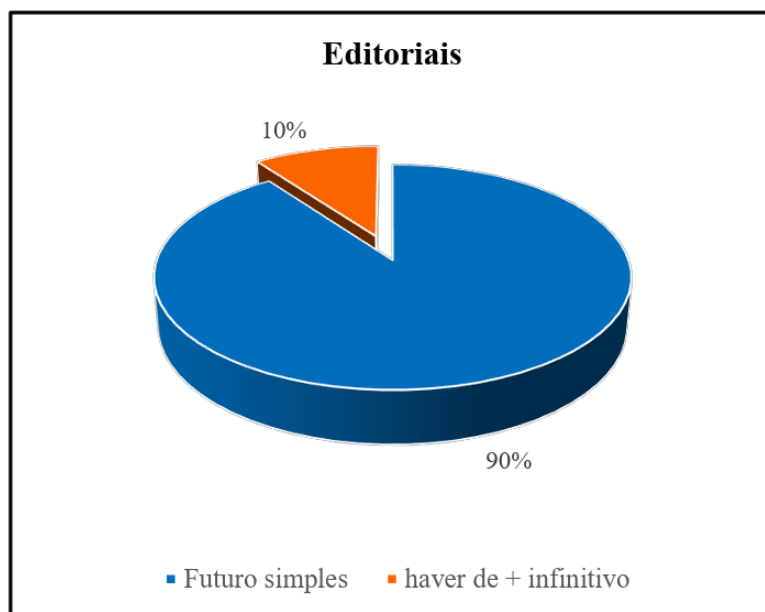
⁷ Adaptados de Callou *et al.* (2005): *On future constructions in Brazilian Portuguese*. Apresentação no NWAWE 34.

Gráfico 2: O futuro em cartas [+/-] formais.



Fonte: Adaptado de Callou et al., 2005.

Gráfico 3: O futuro em editoriais de jornais (Adaptado de Callou et al., 2005.)



Fonte: Adaptado de Callou et al., 2005.

Se reunirmos todos os textos, a forma perifrástica preferencial, no século XIX, é a de haver de + infinitivo, podendo indicar tanto futuridade quanto obrigatoriedade. Nas cartas dos avós aos netos, a frequência de uso dessa perífrase também é superior à dos outros textos. O uso do presente para indicar o futuro é raro e sempre vem acompanhado de um complemento adverbial de tempo (11) e não ocorre em editoriais.

- (11) “[...] Deixei Lulú e Ermelinda bons; elles falaõ muito naviagem, dizem que vão em outubro” (CO. C36. 06.01.1889)

Outro aspecto a ressaltar é o de que as perífrases, nesses textos, ocorrem geralmente com um argumento externo [+ humano], como ilustramos em (12) e (13).

- (12) “[...] e fes um cumprimento a Vovô, que foi muito aplaudido de serto que seo avô ha de mandar um exemplar [...]” (BO. C33. 12.12.1887)

- (13) “[...] Esperae: eu vou abril-o e mostra-vos-hei os horrores das penas eternas! [...]” (CO. O Correio Paulistano. SP, 28.07.1876)

O auxiliar ir ocorre, em geral, na forma morfológica de futuro (irá chegar em vez de chegará), como observamos em (14).

- (14) “[...] Esta carta ja irá chegar em plena primavera que é tempo alegre na Europa; quando as arvores ate alli de galhos denegridos, começaõ a cobrir-se de brotos e folhas. [...]” (CO. C22. 18.03)

No português brasileiro atual, há uma frequência distinta de uso entre fala e escrita. As formas perifrásticas com o auxiliar ir são mais frequentes, exceto quando o verbo principal é o mesmo (15).

- (15) *eu vou ir ao cinema (comum na linguagem infantil).

Hoje, o uso de haver de + infinitivo é raro e parece acrescentar à ação um traço de ênfase (obrigatoriedade?) e, na fala, predomina ir + infinitivo.

Tabela 3: Estruturas de futuridade no português brasileiro contemporâneo

Estruturas de futuridade no português brasileiro	Língua escrita	Língua falada
Futuro simples morfológico	83%	7%
perífrase (ir + inf.)	17%	77%
Presente simples morfológico	-	16%
Total	148	393

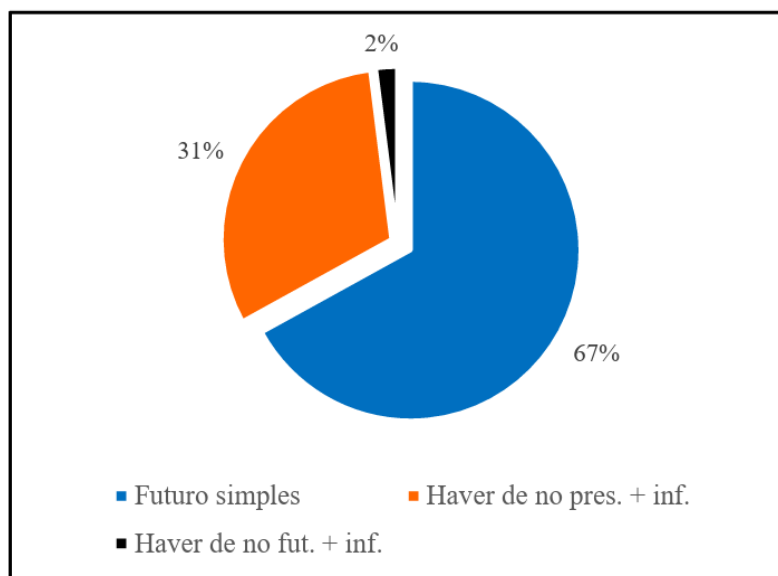
Fonte: Adaptado de Callou et al., 2005.

Análise dos dados: o futuro no passado.

Como afirmamos no início, nosso foco, neste texto, é observar a produção escrita do brasileiro CO em tipos distintos de textos, cartas familiares e editoriais (cartas de editores) oitocentistas, a fim de verificar se o veículo de divulgação (o gênero textual), nos âmbitos pessoal ou público, impulsionaria ou não a expressão variável (e em qual nível) do *futuro*.

Considerando o universo das estratégias mais produtivas de composição do futuro (107 dados) nas amostras textuais em análise, observamos que as formas de futuro simples (67%, 72 oco) se sobressaem em relação às estruturas perifrásticas com *haver de* no presente + infinitivo (31%, 33 oco) e com *haver de* no futuro + infinitivo (2%, 2%) tanto nas cartas pessoais, quanto nos editoriais (gráfico 4).

Gráfico 4: O futuro simples e a perífrase *haver de* + infinitivo nas cartas pessoais e editoriais de CO.



Fonte: elaboração própria.

Tendo em vista todas as estruturas de expressão do futuro levantadas nas cartas de CO, identificamos, além do futuro simples e das perífrases *haver de* (no presente e no futuro) + infinitivo, ainda que com baixas frequências de uso, as perífrases *ir* (no presente e no futuro) + infinitivo, *ter de* + infinitivo e o presente.

Tabela 4: Estratégias de futuridade na produção escrita de CO.

Expressão do Futuro	Gêneros textuais (fontes históricas)	
	Cartas Familiares (1879 a 1892)	Editoriais (1876)
Futuro simples	26/43 (60,47%)	46/75 (61,33%)
“Haver de” no presente + infinitivo	12/43 (27,91%)	21/75 (28%)
“Haver de” no futuro + infinitivo	2/43 (4,65%)	-
“Ter de” no presente + infinitivo	-	1/75 (1,35%)
“Ir” no presente + infinitivo	-	5/75 (6,66%)
“Ir” no futuro + infinitivo	1/43 (2,33%)	2/75 (2,66%)
Presente + expressão temporal	2/43 (4,65%)	-
Total	43/118 (36%)	75/118 (64%)

Fonte: elaboração própria.

De um modo geral, constatamos a prevalência do futuro simples (morfológico) independentemente dos gêneros textuais em análise, quais sejam as cartas pessoais (60,47%) ou os editoriais (61,33%) sob o mesmo punho de CO, no Brasil de fins do século XIX, conforme exemplos registrados quer em carta familiar (16), quer em carta de editor (17).

(16) “[...] bem dezoito que venhaõ todos e estou fazendo uma casa em Botafogo, onde caberemos todos melhor do que na rua do Conde [...]” (CO. C02. 02.1880)

(17) “[...] O eleito sinceramente convicto da necessidade da supremacia absoluta do poder eclesiástico (e muito ha neste caso) votará illudido no ultra regalista que irá opprimir a Egreja. [...]” (CO. O Correio Paulistano. SP, 30.04.1876)

Dentre as evidências do futuro, em estruturas perifrásticas, temos as com o verbo ir (no presente e no futuro) + infinitivo, com pouquíssimas ocorrências nos editoriais (6,66% / 2,66%), e em tão somente uma única ocorrência (2,33%) da perífrase ir no futuro + infinitivo, nas cartas familiares de CO (18a), (18b), (18c) e (19).

(18) a. “[...] eu vou abril-o e mostra-vos-hei os horrores das penas eternas! [...]” (CO. O Correio Paulistano. SP, 28.07.1876)
b. “[...] democratas que de certo não irão embaraçar o progresso no sentido da liberdade dos cultos. [...]” (CO. O Correio Paulistano. SP, 06.07.1876)

c. “[...] votará illudido no ultra regalista que irá opprimir a Igreja. [...]” (CO. O Correio Paulistano. SP, 30.04.1876)

(19) “[...] Esta carta já irá chegar em plena primavera [...]” (CO. C22. 18.03)

Ainda no âmbito das perífrases, temos um único dado de ter de no presente + infinitivo (1,35%), nos editoriais (20).

(20) “[...] Note-se que estas graves declarações partem de um ministerio ultramontano, presidido pela princeza regente, sabidamente fascinada pelos jezuitas: terei de recordal-as na sequencia dos acontecimentos. [...]” (CO. O Correio Paulistano. SP, 08.07.1876)

Identificamos ainda as duas únicas evidências de haver de no futuro + infinitivo (4,65%) e os dois únicos dados do presente para a expressão do futuro (4,65%), conforme ilustramos em (21a), (21b), (22a) e (22b) nas cartas pessoais.

(21) a. “[...] Daqui a um anno has de estar de tamanho, que tem hoje teu irmão [...]” (C1. 22.12.1879)

b. “[...] e has de ir com elle á escola de Madame Paul ou de outra mestra [...]” (C1. 22.12.1879)

(22) a. “[...] quando a tua Mamae te mandar para o collegio defronte, vás satisfeito [...]” (C3. 18.12.1881)

b. “[...] Subimos depois de amanhã para Petropolis, onde [...] poderemos [...] renovar as nossas passeiadas a cavallo, de que tenho saudade. [...]” (C20. 10.11)

Considerações finais

Sintetizando, a referência temporal futura sofreu mudanças, ao longo do tempo, e foi sempre caracterizada pela variação, variações textuais, determinadas pelo estilo e tipo de texto na referência futura. É evidente que, com o passar dos séculos, diversas interpretação foram atribuídas às variantes e, ao que tudo indica, até o século XIX, predominava o futuro simples e a perífrase com haver de + infinitivo, em língua portuguesa.

Dois pontos devem ser trazidos à discussão. O primeiro, já mencionado anteriormente, é o de que essa variação – forma simples versus perífrases –, vem desde o latim e não está restrita à língua portuguesa, já tendo sido observada em várias

línguas românicas (ou não), por exemplo, no francês do Canadá (Poplack, 1999) e no espanhol da América (Firmo et al., 2017); o segundo diz respeito ao fato de a variação da perífrase com haver de ser um reflexo de formas em competição, semelhante à de ter/haver, uma vez que o verbo haver, hoje quase restrito à escrita e a expressões de tempo decorrido, foi perdendo espaço em todos os contextos em que ocorria (posse, existência, indicação de futuridade como auxiliar modal), cedendo lugar à perífrase com ir + infinitivo.

A análise da produção escrita de CO através das suas cartas familiares e editoriais (cartas de editores) nos permite vislumbrar um comportamento de uniformidade em relação às suas preferências pelas estruturas de futuridade. Independente do fato de termos em cena documentos de circulação mais restrita (cartas pessoais) ou de circulação mais aberta (editoriais), o redator opta preferencialmente pelo futuro simples (morfológico) e pela perífrase verbal haver de (no presente e no futuro) + infinitivo, infirmando a hipótese inicial de o gênero textual delimitar o uso variável das construções de futuridade no português brasileiro de sincronias passadas. Convém ressaltar que trazemos à análise, neste artigo, um único redator que, mesmo no exercício de papéis sociais distintos (o de avô e o de homem público (o “Velho liberal”)), mantém a preferência pelo futuro simples morfológico, em sua produção escrita oitocentista. Temos em análise um fenômeno linguístico de variação estável no português brasileiro contemporâneo, livre de qualquer tipo de estigmatização, entendendo que o redator, ao preferir a forma representativa da chamada norma-padrão (futuro morfológico), se coaduna ao seu perfil social, que é o de um redator hábil e desenvolvido em sua expressão escrita. A variação existente estaria mais ligada à sociedade que ao indivíduo.

Ainda que tenhamos consciência de que trazemos à cena uma análise embasada na produção escrita de um único redator, reconhecemos que a potencialidade de estudos linguísticos como este que aqui reside no fato de termos levantado e controlado mais evidências históricas da face variável do futuro, controladas também a partir de gêneros textuais distintos (cartas pessoais e cartas de editores) como expressão do português brasileiro oitocentista.

Para finalizar, lembremos a afirmação de Labov (1994, p. 27): “o exame atento do presente evidencia quanto do passado está ainda entre nós”.⁸

⁸ No original: “[...] *the close examination of the present shows that much of the past is still with us.*”

Referências:

CALLOU, D.; ELEUTÉRIO, S.; OLIVEIRA, J. Estruturas de futuridade em cartas pessoais do século XIX. In: LOPES, C. R. S. A Norma Brasileira em Construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas; FAPERJ, 2005.

DAVIS, N. Paston Letters and Papers of the Fifteenth Century. Oxford: Clarendon Press. 1971.

FIRMO, A. F.; SOUZA E SOUZA L. J. de C. R. de.; COAN, M.; PONTES, V. de O. A Variação na Expressão do Futuro em Língua Espanhola: análise de notícias on-line sobre a Copa 2014. SIGNUM: Estudos Linguísticos, Londrina, n. 20/3, p. 147-175, dez. 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/48614>. Acesso em 04 jan.2025.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; SCHILLING, N. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. Camilo (Org.). The Handbook of Historical Sociolinguistics. 1. ed. Blackwell Publishing Ltda. 2012. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/book/10.1002/9781118257227>. Acesso em: 04 jan.2025.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. The social diffusion of linguistic innovations in 15th century England: Chancery spellings in private correspondence. Cuadernos de Filología Inglesa 8: p. 251-74, 1999. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/112490.pdf>. Acesso em: 04 jan.2025.

LABOV, W. Principles of Linguistic Change. Oxford/Cambridge: Blackwell. 1994. v.1.

LOPES, C. R. dos S. A Norma Brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX. 1ª ed. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas/FAPERJ, 2005.

LOUREDA LAMAS, O. Introducción a la tipología textual. Cuadernos de Lengua Española. 1ª. Ed. Arco Libros, S.L. 2003.

MATTOS E SILVA, R. V.. Estruturas trecentistas. Elementos para uma gramática do português arcaico. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1989.

MATTOS E SILVA, R. V. O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe. 2ª ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2019 [2006].

NÚÑEZ CONTRERAS, L. Manual de paleografía: fundamentos e historia de la escritura latina hasta el siglo VIII. Madrid: Cátedra; 1994.

LIVEIRA, J. M. de. O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança. 2006. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=25329. Acesso em: 4 jan. 2025.

OLIVEIRA, J. M. de. Le verbe ir (aller) em português: polysémie ou grammaticalisation? Actes du Colloque Jeune chercheurs – De la langue au discours: l'un et l'autre multiple dans les outils grammaticaux. Montpellier, Presses de l'Université Paul Valéry – Montpellier III, 2008, p. 213-224.

OLIVEIRA, J. M. de. A expressão do futuro verbal em português: um caso de macro e de micro-variação. *PhiN-Beiheft*, v. 28, p. 90-117, 2022. Disponível em: <https://www.fabula.org/actualites/111678/phin-philologie-im-netz-beiheft-n-28-2022.html>. Acesso em: 04 jan.25

POPLACK, S. O FUTUR TEM FUTURO NO FRANCÊS (CANADENSE)? *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, (36):p. 17-46, Jan./Jun. 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637103/4825>. Acesso em: 04 jan.2025.

ROMAINE, S. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010 [1982].

RUMEU, M. C. de B. *Língua e sociedade: a história do pronome ‘Você’ no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca; FAPERJ, 2013.

SPINA, S. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix/Edusp. 1977.

WEINREICH, U.; LABOV, W, HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y, organizadores. *Directions for historical linguistics*. Texas: University of Texas Press. 1968.